

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

JESUS, Neide de. Neide de Jesus (depoimento, 2004). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 0min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS) . É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Neide de Jesus
(depoimento, 2004)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes; Marco Dreer Buarque;

Local: São Luís - MA - Brasil;

Data: 09/09/2004

Duração: 1h 0min

Arquivo digital - vídeo: 1; Fita cassete: 1; MiniDV: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha da entrevistada se justificou por ter fundado a Associação de Mulheres da comunidade de quilombolas de Itamatatua.

Temas: Agricultura; Agrovila; Artesanato; Artesãos; Associações comunitárias; Assuntos familiares; Dança; Discriminação racial; Família; Festa; Igreja; Latifundiário; Maranhão; Movimento negro; Mulher; Música; Negros; Racismo; Turismo;

Sumário

Entrevista: 09.09.2004

FITA 1-A Origem familiar; informações sobre a comunidade de Itamatatiba, no Maranhão; lembranças do trabalho com o artesanato; recordações sobre a luta pelas terras em Itamatatiba; comentários sobre os filhos da entrevistada; relato da rotina da comunidade de Itamatatiba; explicações sobre o plantio da roça; informações sobre a Associação de Mulheres da comunidade de Itamatatiba; diferenças entre tambor de crioulo e toque de caixa; exemplos das músicas tradicionais das festas da comunidade de Itamatatiba.

FITA 1-B Considerações sobre o aprendizado das canções festivas da comunidade, passadas de geração em geração; longas informações sobre a Associação das Mulheres de Itamatatiba; a conscientização da entrevistado sobre a raça negra: os encontros de comunidades negras; comentários sobre a relação dos turistas com a comunidade de Itamatatiba; informações sobre os cursos dados nos encontros de comunidades negras; dificuldades enfrentadas na fundação da Associação das Mulheres; comentários sobre a vontade da entrevistada de voltar a estudar; elogios a Pedro Viegas; breve debate sobre a importância da Associação de Mulheres para o desenvolvimento da comunidade de Itamatatiba.

Entrevista: 09.09.2004

V.A. – Dona Neide, conforme a gente foi explicando um pouco para a senhora, nossa intenção aqui é compreender um pouco a história, a trajetória dos líderes, das lideranças do movimento negro aqui no Maranhão, principalmente da parte que a senhora vem, do quilombo de Itamatatiua, não é isso?

N.J. – Isso.

V.A. – Então a gente queria ver a sua trajetória de vida até a senhora entrar no movimento negro, como que foi? E para começar a gente faz a pergunta do começo mesmo: quando a senhora nasceu, onde, que dia, seus pais. A senhora nasceu aqui no Estado do Maranhão mesmo?

N.J. – Foi lá em Itamatatiua mesmo.

V.A. – Itamatatiua mesmo?

N.J. – Isso.

V.A. – Itamatatiua fica onde?

N.J. – Município de Alcântara.

V.A. – A senhora nasceu que dia?

N.J. – 02 de novembro de 1948.

V.A. – E o pai da senhora, como é que se chamava?

N.J. – Eurico de Jesus.

V.A. – E a mãe da senhora?

N.J. – Cipriana de Jesus.

V.A. – E Itamatatiua, era uma chamada terra de negro?

N.J. – Isso.

V.A. – Como é que era lá?

N.J. – Era terra de santa Teresa, uma santa que era a padroeira de lá. Quando se entendeu essas terras eram da santa.

V.A. – E a senhora morava junto com quem?

N.J. – Junto com meus pais.

V.A. – A senhora tem irmãos?

N.J. – Tenho quatro irmãos.

V.A. – Mais novos ou mais velhos que a senhora?

N.J. – Tem a mais velha que é a Cecília e logo atrás de Cecília é Maria de Lourdes, logo atrás de Maria de Lourdes é Eloísa, essa é a caçula.

V.A. – E a senhora fica no meio delas?

N.J. – Eu sou logo atrás da mais velha, da Cecília.

V.A. – São quatro mulheres?

N.J. – É. Só tem um irmão homem, que já morreu. Ele era o mais velho. Era Tolentino.

V.A. – Ele morreu de quê?

N.J. – Derrame.

V.A. – Então a senhora nasceu lá na sua casa e vivia de trabalho de roça, é isso?

N.J. – É isso. De roça.

V.A. – Plantava?

N.J. – Plantava.

V.A. – O que plantava?

N.J. – Mandioca, milho, arroz, batata, feijão...

V.A. – E essa produção era vendida? Como é que era?

N.J. – Não. Era só para se alimentar mesmo. Algumas vezes a gente vendia, para comprar o açúcar, o café, essas coisas.

V.A. – O que mais que comprava?

N.J. – Eram os quitandeiros mesmo de lá.

V.A. – Eles que compravam. E a terra não era do seu pai, era?

N.J. – Não. Ele era encarregado da terra.

V.A. – O que quer dizer isso?

N.J. – Ele tomava conta das terras. Ele era o responsável da Igreja.

V.A. – Não entendi. A Igreja que era a dona da terra, não?

N.J. – Era. A santa Teresa era a dona da terra, e o papai era o responsável na Igreja. E aí ele que resolvia todos os problemas.

V.A. – E tinha outras famílias morando?

N.J. – Muitas famílias lá morando.

V.A. – Que também eram responsáveis?

N.J. – Não. Só o meu pai que era o responsável. Qualquer coisa eles iam a meu pai.

V.A. – Qualquer coisa, por exemplo?

N.J. – Fazer uma casa, roçar, essas coisas.

V.A. – Se alguém quisesse ficar lá...

N.J. – Roçar, fazer casa... Porque era todo mundo unido. Mas sempre tem que ter uma pessoa responsável pela coisa, senão o negócio não anda bem, não é? Aí já querem destruir, estragar, essas coisas...

V.A. – Então, se eu quisesse plantar mandioca ou alguma coisa, eu falava com o pai da senhora?

N.J. – Você falava e aí mostrava onde a senhora queria, onde não...

V.A. – E o seu pai recebia algum salário por causa disso?

N.J. – Não. Não recebia.

V.A. – E quem era o dono da terra?

N.J. – Era santa Teresa.

V.A. – Era a Igreja.

N.J. – Era a Igreja.

V.A. – E em troca de morar lá tinha que pagar alguma coisa para a Igreja?

N.J. – Não tinha que pagar nada.

A.P. – Quem chegou primeiro nessa terra? Tem essa história, seu pai contava?

N.J. – Tem, mas me esqueço. Porque tem um livro, quem chegou primeiro, quem fundou... a gente tem esse documento.

A.P. – E a senhora não lembra...

N.J. – Aí eu não gravo, só a gente lendo.

V.A. – Quem sabe essas coisas, por exemplo, é a Mundinha, que pesquisou isso? A senhora conhece a Raimunda?

N.J. – Eu conheço.

V.A. – Ela escreveu uns livros sobre isso.

N.J. – Escreveu, é. [silêncio]

V.A.- Bom, aí a senhora foi viver na roça ajudando seus pais a plantar, colher...

N.J. – A plantar, colher, aí quando eu tinha 12 anos eu fazia cerâmica. Aí comecei a fazer cerâmica...

V.A. – Aonde a senhor foi fazer cerâmica?

N.J. – Lá mesmo. Lá a gente faz cerâmica, desde os mais velhos, os antigos, a gente faz os tijolos, as telhas, essas peças que a gente está vendendo aí.

V.A. – Como se faz cerâmica?

N.J. – É só da argila. A gente vai no campo, pega a argila e aí vem e molha, passa em uma peneira, aí bota em uma pedra de gesso para secar. Aí a gente vai fazer a argila.

V.A. – E a senhora começou isso com 12 anos por quê?

N.J. – Porque a roça não dava, meu pai não era empregado, minha mãe não era empregada. E aí para comprar as roupas... e a gente ia ficando mocinha. As roupas que eles compravam, a gente não se agradava muito. Aí a gente dizia assim, eu e a mais velha: “Papai só compra roupa feia para nós.” A gente dizia: “Papai, nós nos agradamos com tal roupa assim, assim...” ele dizia: “Vocês só vão vestir essas roupas quando vocês trabalharem.” Aí a gente já estava ficando mocinha. Aí eu dizia: “Vamos embora fazer louça, para a gente comprar o que a gente quer.” Aí nós começamos a fazer. Nesse tempo tinha muita saída a cerâmica.

V.A. – É?

N.J. – É.

V.A. – Quem comprava?

N.J. – Era só gente que vinha para Alcântara, para Pinheiro, para São Bento, tinha muita saída nesse tempo.

V.A. – A senhora vendia para quem?

N.J. – Era para os comerciantes de lá. Lá era uma vila, uma cidadezinha.

V.A. – Itamatatiua era como se fosse uma vila?

N.J. – Não. Lá para onde a gente exportava a cerâmica.

V.A. – Qual era o nome? Era Alcântara?

N.J. – Alcântara, São Bento, Pinheiros... Mas só que nesse tempo não tinha estrada, era só de canoa que a gente ia.

V.A. – Levava a cerâmica de canoa?

N.J. – É.

V.A. – A senhora e as suas irmãs?

N.J. – Não. A gente vendia para outra pessoa. Essa outra pessoa levava.

V.A. – Quem era essa outra pessoa?

N.J. – Meu irmão levava. Comprava muito.

V.A. – O seu irmão comprava?

N.J. – Comprava.

V.A. – O irmão que morreu, não é?

N.J. – É, isso. Agora é um primo, Luís é o nome dele. Mas é mais difícil.

V.A. – Aí a senhora começou a fazer cerâmica, vender e trabalhar na roça também?

N.J. – Na roça. Pela manhã a gente fazia cerâmica e a tarde a gente ia para a roça.

V.A. – A senhora estudou?

N.J. – Estudei só até a quarta.

V.A. – Lá mesmo, quando era pequena?

N.J. – Lá mesmo.

V.A. – E tinha escola?

N.J. – Não. Era papai que arrumava uma moça para ensinar a gente.

V.A. – A moça morava na comunidade?

N.J. – Ainda mora. Está velhinha, ainda mora lá.

V.A. – Qual é o nome dela?

N.J. – Inês.

V.A. – E ela ensinou a ler e escrever?

N.J. – Ensinou.

V.A. – O que mais que ela ensinou?

N.J. – Só ler e escrever.

V.A. – Fazer contas?

N.J. – Conta era muito difícil.

A.P. – Vocês tinham contato, vocês iam a Alcântara...

N.J. – Era difícil. Para a gente ir para Alcântara gastava dois dias, noite e dia. A gente saía hoje de manhã aí passava a noite na Bahia e chegava amanhã de manhã.

A.P. – E onde vocês compravam essas roupas?

N.J. – Lá era Raimundo do Sul, um povoado. Aí, eles vinham aqui em São Luís de barco. Aí compravam as fazendas, as peças e levavam, aí a gente ia e comprava lá.

V.A. – Aí comprava roupa mais do seu agrado?

N.J. – É, não era do meu agrado, aí nós começamos a trabalhar. Eu e minha irmã fazíamos argila, aí meu irmão comprava e dava o dinheiro para nós e nós íamos lá em Raimundo do Sul comprar. É pobre nosso povoado. Lá não tem emprego, não tem... tem lugar que já tem energia, mas não tem colégio bom, não tem telefone não tem posto, não tem poço, não tem nada. Muito pobre.

V.A. – E agora as terras são de vocês?

N.J. – Não. A terra ainda está... dizem que o governo vai arrumar a terra para a gente. A gente já lutou muito. Mas eles estão dizendo que agora vão conseguir dar o título da terra para a gente.

A.P. – Como é que foi essa luta?

N.J. – Ah, foi muito e foi muito triste também, porque os fazendeiros lá queriam tomar as terras, cercar. Quando foi um dia, o pessoal se reuniu, umas 500 pessoas, famílias, aí

derrubaram as cercas dos fazendeiros todinhas. Aí desde disso também parou, porque os fazendeiros não resistiram. Aí derrubaram, cortaram, foi uma briga mesmo.

V.A. – Mas as terras não eram dos fazendeiros. A senhora disse que era da Igreja.

N.J. – É. Aí eles invadiram, queriam invadir para tomar, para ficar para eles. Aí não resistiram. A polícia ainda foi lá, meu irmão lutou também, aí queriam prender meu irmão. Meu irmão estava na roça nesse dia. Aí eles vieram embora para a casa de um coronel, aí o coronel embargou lá as terras. Aí deu uma discriminação no cartório que ninguém entra também, ninguém invade. Aí a gente falou com a governadora, porque era no tempo de Roseana. Ela deu um livro para a gente dizendo o governo que vai titular as terras para gente. A gente está até esperando o Inca lá agora esta semana.

V.A. – E é uma terra de negro que tem quantas comunidades, quantas famílias lá morando?

N.J. – Tem 516 famílias.

V.A. – E depois que a senhora começou a fazer argila a senhora fez mais o quê?

N.J. – Na roça também.

V.A. – E casou?

N.J. – Casei, tenho quatro filhos. Aí o marido foi embora, me deixou com os quatro filhos, aí eu criei. O mais velho tinha 12 anos, hoje ele está com 24.

V.A. – A senhora casou lá mesmo com uma pessoa de lá da comunidade?

N.J. – foi.

V.A. – E ele foi embora?

N.J. – Foi embora. A gente diz: “Quer ir, vai.”

A.P. – Mas como é que começou a luta? Vocês têm ajuda do CCN? Fazem parte do projeto *Vida de Negro*?

N.J. – Temos.

A.P. – E como é que começa essa luta?

N.J. – Começou a luta... eles ajudam a gente. Ainda tem ameaças lá das terras de vez em quando. Aí a gente avisa ao CCN, aí eles vão lá dão uma reunião, aí também acalma. E eles que estão promovendo agora para ver se a gente recebe o título da terra.

V.A. – Quem?

N.J. – O CCN.

V.A. – E a Aconeruq também?

N.J. – A Aconeruq também.

A.P. – A senhora faz parte da Aconeruq?

N.J. – Não. Eles vão lá para a minha casa até, mas quem faz parte é Irene e José de Ribamar. Eles são de lá mesmo, da comunidade, são os membros de lá da Aconeruq.

V.A. – E os filhos da senhora, esse de 24, ainda mora lá, não?

N.J. – Moram todos comigo ainda.

V.A. – Todo mundo mora lá?

N.J. – Todo mundo.

V.A. – E trabalha em roça?

N.J. – Em roça. Eles fizeram o segundo grau. Ele fez até oitava série lá, quando foi fazer o segundo grau, ele saía de casa 5:30 h e chegava 01:00 h da manhã, porque é longe. Aí não tinha chuva, não tinha sol, porque ele queria ir mesmo. Quando estava chovendo a gente dizia: “Não vai.” Ele dizia: “Não. Eu tenho que ir porque eu tenho que terminar meu estudo. Porque se eu faltar muita aula eu não passo.” Aí ele passou. E aí ficou parado, porque ele não tem emprego e a gente não tem casa aqui em São Luís para dizer assim: “Vai para a casa de fulano...” Aí ficou chato. E ele mesmo não é muito invocado para vir para São Luís. Para ir para São Paulo ele é invocado, mas para São Luís não. Ele diz que ganha muito pouco e não sei o que... [riso] e está lá. E tem uma que está com 21 anos. Ela está terminando esse ano o segundo grau.

V.A. – Também sai de casa às 5:00 h da manhã?

N.J. – Não, essa está aqui em São Luís.

V.A. – Ela mora aqui?

N.J. – Lá no Maiobão que ela está.

V.A. – Na casa de quem?

N.J. – Uma prima minha. Essa está lá. Aí a prima escreveu para ela e ela foi.

V.A. – E os outros estão com quantos anos?

N.J. – A mais nova está com 18.

V.A. – E ela faz o quê?

N.J. – Está fazendo a oitava série.

V.A. – E a outra?

N.J. – A outra é a mais velha que está com 33. São quatro: três meninas e um menino.

A.P. – A mais está com 33 e faz o quê?

N.J. – Essa aí com 33, está em São Luís, está fazendo um curso de Nutrição.

A.P. – Fazendo faculdade?

N.J. – É. Essa aí casou. Essa aí é só minha, é irmã parte a parte com esses outros.

V.A. – Não entendi.

N.J. – Ela é irmã só por parte de mãe. E não fui eu que criei essa. Essa aí se criou em Alcântara com uma moça lá que é dona do cartório de Alcântara. Essa que criou ela. Aí ela mora em São Luís.

V.A. – Mas é de outro pai?

N.J. – É de outro pai. Os outros não.

V.A. – E aí lá, vivendo agora, a senhora continua plantando na roça, vive da roça e vive da cerâmica?

N.J. – Da cerâmica.

V.A. – E o filho da senhora também? Na roça e na cerâmica?

N.J. – É.

V.A. – E essa terra de negro ainda não está no nome de vocês, ainda não é titulada?

N.J. – Não.

A.P. – A senhora conhece outras terras que foram tituladas?

N.J. – Eu conheço a do Frechal que foi titulada.

A.P. – A senhora acompanhou o processo?

N.J. – Não acompanhei não.

A.P. – Mas a senhora sabe como foi que eles conseguiram?

N.J. – Foi muita luta. Parece que a luta deles durou 51 anos com os fazendeiros de lá. Porque era um a fazenda lá. Eles queriam tirar os fazendeiros e os fazendeiros não queriam sair. Até que eles conseguiram tirar os fazendeiros. Hoje onde era a casa da fazenda, parece que é um colégio lá.

A.P. – E lá em Alcântara? A gente ficou sabendo aqui que está tendo um processo de remoção das pessoas, das famílias que vivem lá.

N.J. – É. É lá na agrovila da base, não é?

V.A. – Isso.

N.J. – A base não pegou a gente.

A.P. – Mas não pegou ainda, ou não pega mais?

N.J. – Não pegou ainda. Acho que não. Só o que pode acontecer é o pessoal da agrovila ir morar para lá. Porque eles não têm onde morar. Esse é o medo da gente, se o pessoal da agrovila chegar e invadir a comida de lá. Só que a base não pegou até lá não.

V.A. – E como é que é a vida na comunidade? A senhora de manhã acorda...

N.J. – Acordo, 7:00 h estou lavadinha de suor de estar lidando, para 7:30 h eu ir para a roça. Ir para a roça e fazer argila.

V.A. – É bom ir para a roça?

N.J. – Se eu não ir para a roça, vou fazer argila. Só que não fico em casa.

V.A. – É longe a roça?

N.J. – Às vezes é longe. Tem vez que gasta uma hora de relógio para a gente ir para lá.

V.A. – Por quê?

N.J. – Por causa do mato. Onde o mato é mais grosso, para lá a gente vai roçar.

V.A. – Porque cada vez roça em um lugar diferente?

N.J. – Isso. Porque a gente não tem máquina para virar a terra, e aí a gente tem que procurar os matos mais grossos para poder roçar.

V.A. – E aí planta o quê?

N.J. – É mandioca, é arroz, feijão, milho, isso tudo a gente planta.

V.A. – Por que tem que ser no mato mais grosso? Eu não entendo.

N.J. – Porque dá a colheita melhor. Se a gente for plantar no mato fino dá menos colheita.

V.A. – O que é mato grosso que eu não sei?

N.J. – É o mato fechado.

V.A. – Aí tem que primeiro tirar o mato...

N.J. – É, roçar, tocar fogo, cercar, aí depois vai plantando.

V.A. – E a semente a senhora pega aonde?

N.J. – Às vezes de uma roça para a outra a gente guarda.

V.A. – E planta tudo misturado?

N.J. – Tudo misturado.

V.A. – E como é que chama mesmo quando planta misturado?

N.J. – É a roça, a roça de janeiro.

V.A. – Que planta em janeiro?

N.J. – Que planta em janeiro. Quem planta agora em setembro, não planta essas coisas, só planta mesmo a mandioca.

V.A. – Porque não adianta plantar arroz...

N.J. – Não dá.

V.A. – Só em janeiro?

N.J. - É, só em janeiro por causa da chuva.

V.A. – E a senhora vai todo dia na roça?

N.J. – Todo dia. Só sábado e domingo que eu não vou.

V.A. – Para quê? O que a senhora faz na roça?

N.J. – É capinar, a gente vai capinar. Primeiro a gente roça e cerca, aí vai plantar. Depois de plantar vai capinar, depois da capina a gente tem que abater de novo, para então a mandioca se preparar para a gente arrancar.

V.A. – Abater o quê?

N.J. – O mato que vai crescendo a gente tem que tirar para a mandioca crescer.

V.A. – Aí a senhora volta para a casa...

N.J. – Aí volto para casa 11:30, 12:00 h quando a roça é perto. Quando não é perto a gente sai 6:00 h da manhã e só chega 6:00 h da tarde.

V.A. – E o que come no caminho?

N.J. – Às vezes quando tem... a gente faz uma casinha assim, a gente chama de tijupá. Aí a gente faz, aí passa meio-dia a luz do sol, aí leva uma panela, a gente faz o fogo e cozinha qualquer coisa para a gente comer, seja um ovo...

V.A. – A senhora tem que levar então de manhã?

N.J. – É, qualquer coisa a gente tem que levar para passar o dia.

V.A. – Aí depois a senhora volta...

N.J. – Eu volto, aí no outro dia de novo, é a semana todinha.

V.A. – E o seu filho vai com a senhora?

N.J. – Vai. Às vezes, quando um estuda de manhã e outro de tarde, um vai de manhã, vem 11:00 h e aí o que estuda de manhã vai de tarde, quando a roça é perto. Mas quando é longe a gente vai sozinho, porque é muito longe.

V.A. – E a senhora disse que sábado e domingo não vai, por quê?

N.J. – Não vai porque a gente vai lavar, não é? Aí domingo tem a igreja e a gente tem que ir para a igreja, não é?

V.A. – Lá na comunidade tem igreja?

N.J. – Lá na comunidade.

V.A. – Tem um padre?

N.J. – Tem não. Ele mora em Alcântara. Ele vai de mês a mês.

V.A. – Então ele não reza missa todo domingo?

N.J. – Não.

V.A. – Mas a comunidade se encontra na igreja?

N.J. – Se encontra na igreja todo domingo.

V.A. – E faz o quê?

N.J. – A gente celebra um culto, vai discutir alguma coisa, porque a gente uma associação das mulheres, aí a gente vai discutir qualquer coisa.

V.A. – O que a associação discute?

N.J. – Discute como é que a gente vai trabalhar, qual o serviço que a gente vai fazer, qual não é, aí se precisa ajudar alguém no serviço na roça.

V.A. – Fazer como se fosse um mutirão?

N.J. – Isso. Para isso que a gente se reúne.

V.A. – Tem muita mulher lá que o marido foi embora?

N.J. – Tem muito senhora. Tem muito.

V.A. – Então as mulheres têm que se juntar mesmo.

N.J. – É, as mulheres têm que se juntar.

V.A. – Para cuidar dos filhos e se ajudar. O que mais que as mulheres discutem lá?

N.J. – Discutem muitas coisas. Eles dizem que as mulheres de lá são mais guerreiras que os homens.

V.A. – É possível.

N.J. – Porque tudo é com as mulheres. Aí a gente diz assim: “Fulano, vai fazer isso assim, assim...” aí a outra diz: “Então, vai muito.” [riso] E aí tudo é com as mulheres.

V.A. – E o sábado?

N.J. – Sábado a gente vai lavar, as mulheres.

V.A. – Lavar roupa?

N.J. – Roupa.

V.A. – Aonde que lava roupa?

N.J. – Às vezes é no quintal, no poço que a gente mesmo faz, porque lá é bom de água. A gente faz um poço e lava no quintal, no rio... Tem um rio também.

A.P. – Mas a vida não é só trabalho, trabalho, trabalho e igreja no domingo, não é?

N.J. – É.

A.P. – Mais o quê que tem na comunidade?

N.J. – De vez em quando a gente faz umas festas de reggae para se divertir, a gente não está tudo velho, não é? [riso] A gente faz umas festas de reggae. Tem uma festa de Santa Teresa lá que é ótima, dessa Santa Teresa, 14 e 15 de outubro, dá muita gente.

A.P. – Vai gente de longe?

N.J. – Vai, porque aqui de São Luís vai muito.

V.A. – O que acontece nessa festa?

N.J. – Tem festa de reggae, tem tambor de crioula, tem toque de caixa, tem missa, tem seresta, tudo tem.

V.A. – Qual a diferença de tambor de crioula e toque de caixa, porque eu não sei?

N.J. – Tem diferença.

V.A. – Qual é?

N.J. – Porque tambor de crioula são três pessoas que tocam e essa são quatro. E é diferente o toque.

V.A. – Como é? A senhora toca?

N.J. – Eu toco.

V.A. – A senhora toca o quê, os dois?

N.J. – Caixa. Tambor de crioula eu não toco.

V.A. – Por quê?

N.J. – Parece que é muito pesado.

V.A. – O tambor é pesado?

N.J. – É.

V.A. – A caixa não?

N.J. – É mais leve, a caixa é leve.

V.A. – E como é que é a diferença do toque?

N.J. – É muito diferente.

V.A. – Como é, que eu não sei?

N.J. – Já escutou o toque do Divino Espírito Santo na televisão?

V.A. – Não.

A.P. – Faz aí para a gente ver como é que é.

V.A. – Aqui, como é assim? [batendo na mesa]

N.J. – O toque de caixa é a dança, porque a gente dança no toque de caixa. [batucando na mesa] Esse é o toque da dança. E quando vai subindo para a igreja é: [batucando na mesa]

V.A. – E o tambor de crioula, como é?

N.J. – O tambor de crioula é... eu nem sei... o tambor de crioula eu não sei tocar.

A.P. – Olha só, só tem um problema: eu vou pedir para a senhora bater de novo.

V.A. – Não filmou a mão?

A.P. – Não. A senhora pode fazer de novo para a gente o toque caixa.

N.J. – O da dança?

V.A. – O que a senhora quiser. Pode fazer o da dança.

N.J. – [batucando na mesa]

V.A. – E vai cantando?

N.J. – Não, essa aí é a dança.

V.A. – Mas canta junto?

N.J. – Não. Esse aqui é que a gente canta: [batucando na mesa]

V.A. – Como é o canto?

N.J. – [cantando] Ah, valei-me Deus que eu não posso cantar como eu já cantei. Já me dói o céu da boca os dentes querem se queixar. [riso]

A.P. – Ah, mas eu gostei muito. Quero ouvir outra. [risos]

V.A. – Tem outra?

N.J. – Tem muito.

A.P. – Então toca uma aí. Qual que você gosta mais?

N.J. – Deixa eu ver, deixa eu me lembrar.

A.P. – A que você se diverte mais, a que você gosta de cantar.

N.J. – [cantando] Que pomba branca é aquela que para o céu avoou, que para o céu avoou. É a pomba do Divino que para o céu avoou. De correr vem os cansados, de cansado eu me assentei, de cansado eu me assentei. Na casa desta devota agora eu descansarei, agora eu descansarei. Que pomba branca é aquela que avoou para a sacristia, que avoou para a sacristia. É a pomba do Divino, foi beber água na pia, foi beber água na pia.

V.A. – Bonito. Muito bonito. E aí no domingo a senhora treina, faz toque de caixa com as outras.

N.J. – Não. É só no mês de maio que a gente começa a treinar porque a festa é em 14 e 15 de outubro.

V.A. – É a festa...

[FINAL DA FITA 1 – A]

A.P. – ...Santa Teresa tem muita música.

N.J. – Tem muita música.

A.P. – E como é que vocês aprendem, é desde pequeno? Como é que isso é transmitido?
As avós...

N.J. – Tem as caixeiras. As caixeiras vão treinando as mais novas, vão treinando, aí quase todo mundo sabe tocar e cantar.

V.A. – Mas é só mulher, homem não toca?

N.J. – Homem toca forró.

V.A. – Que é com sanfona?

N.J. – Não. É com as caixas também. Esse aí a gente dança. Esse aí é diferente.

V.A. – Aí eles tocam e todo mundo dança?

N.J. – Todo mundo dança.

V.A. – O que eu ia perguntar, que me ocorreu? Sim, a senhora ensina agora para alguém o toque de caixa? Porque a senhora disse que as mais velhas ensinam as mais novas.

N.J. – Ensino.

V.A. – As suas filhas sabem tocar caixa?

N.J. – Sabem. Elas sabem tocar caixa.

V.A. – E o que mais que a senhora faz lá que a senhora gostaria de contar? Porque a gente não conhece como é em uma comunidade dessas.

N.J. – Antes a gente fazia a cerâmica só nas casas da gente. Cada par fazendo em suas casas. Mas agora é em grupo que a gente faz, só em uma casa. Agora mesmo a gente

conseguiu um galpão, o governo está fazendo um galpão para a gente. A gente faz a cerâmica, estamos aí com essa coisa, aí quando chega no fim do mês, a gente vai prestar conta para a presidente.

V.A. – Presidente do quê?

N.J. – Da Associação das Mulheres.

V.A. – Porque tem uma Associação das Mulheres de Itamatatua?

N.J. – Tem. Aí tem que prestar conta e aí a gente vê quanto a gente já tem na caixa. Aí a gente vai dividir com aquelas mulheres da cerâmica. Vê quanto dá para cada, e cada uma com seu trocadinho.

V.A. – E o que mais que faz essa Associação das Mulheres?

N.J. – É só mulheres mesmo.

V.A. – E o que ela faz? Ela cuida dessa parte da cerâmica e o que mais?

N.J. – Aí faz roça também. Este ano não tem roça, mas trabalha com roça também.

V.A. – E não tem Associação dos Homens?

N.J. – Não. Não tem dos homens. [riso]

A.P. – Eles se reúnem na Aconeruq, ou não?

N.J. – Nada. Quando a gente diz assim: “Fulano, vamos embora fazer assim, assim...” Eles dizem: “Essa Associação é das mulheres.” A gente diz: “Não. É tua também.” Aí nós convencemos eles, aí eles vão ajudar a gente. [riso] Engraçado isso.

V.A. – Eles não ajudam?

N.J. – Ajudam a gente. Mas a gente ensaia muito.

A.P. – Essa é a parte boa, ensaiar?

N.J. – É.

A.P. – O que a senhora acha que é melhor na vida na comunidade?

N.J. – Na minha?

A.P. – Isso.

N.J. – Acho que o melhor é a gente estar junto. Isso é o melhor. Até o serviço, se a gente for fazer, está todo mundo junto e é rápido para a gente fazer. Só uma pessoa, demora muito. Isso é bom.

V.A. – Tem quantas casas lá?

N.J. – Tem 516 famílias, mas tem famílias que moram juntos. Crianças é que tem muito. Só criança de 0 a 13 anos tem 175.

V.A. – A senhora sabe tudo isso como?

N.J. – [riso] Porque às vezes a gente faz levantamentos, vê quantas crianças têm. Aí a gente faz.

V.A. – A senhora faz parte da Associação de Mulheres?

N.J. – Faço.

V.A. – Na diretoria?

N.J. – Eu fui presidente quatro anos.

V.A. – Quando?

N.J. – Quando fundou. Fui eu que fundei a Associação das Mulheres de lá.

V.A. – Então conta aí como foi a fundação da Associação.

N.J. – Lá não tinha nada. Aí, eu mais minha irmã e a Maria José, nós sempre gostamos de igreja, aí nós fomos para a igreja em um dia de domingo. A gente dizia: “Aqui não tem nadinha. Não tem uma associação, não tem nada. Vamos embora fundar uma associação.” Era clube de mães que a gente queria. “Vamos embora.” Aí Maria disse: “Pequena, mas como é que nós vamos fazer?” Eu disse: “Vamos embora mandar chamar Pedro.” Pedro Viegas era um vereador, e a gente era muito unido, ainda é muito unido com ele. Aí nós mandamos chamá-lo e ele veio: “O que é Neide?” Aí eu disse: “Pedro, eu quero fundar uma associação.” Ele disse: “Qual é o nome da associação que você quer fundar?” Eu disse: “Clube de mãe.” Aí ele disse: “Neide, isso dá muita preocupação.” Aí eu disse assim: “Mas a gente quer.” Aí ele disse: “Pequena, tu não vai dar conta disso.” Eu disse: “Eu dou.” Aí ele disse: “Então vamos embora. Domingo nós vamos para a igreja.” Eu disse: “Está bom.” Ele não morava pertinho, ele morava distante. Aí ele vinha, aí arrumou direitinho, e disse: “Olha, mas isso aí vai dar muita luta.” Eu disse: “Para quê?” Ele disse: “Pequena, até você controlar essas mulheres para assinarem.” Eu disse: “Não se preocupe.” Aí nós três fomos para as casas das mulheres conversar com as mulheres. Conversamos, conversamos, e ele disse: “No outro domingo eu venho.” “Está bom.” Quando foi o outro domingo as mulheres foram.

V.A. – Mas quando a senhora foi conversar com as mulheres, falava o quê?

N.J. – “Criança, vamos embora fundar uma associação para nossa Itamatatiua, para nosso interior, porque nosso interior não tem nada e só por aí que a gente pode conseguir alguma coisa.” Aí elas diziam: “É? Então vamos embora.” Aí elas foram. Nós fundamos essa associação e fui ser a presidente.

V.A. – Aí no outro domingo o Pedro veio...

N.J. – Pedro veio, aí conversou com elas e acabou de convencer as mulheres que só podia haver se tivesse uma associação, só assim podia vir alguma coisa. Aí eu fui a presidente, minha irmã Maria de Lourdes foi ser a fiscal, Maria Cabeça foi ser a tesoureira, aí dividiu tudo, aí botamos para frente. Aí o Pedro foi registrar: “Vamos embora na cidade registrar.” Nós fomos, registramos, e ele disse: “E agora, o que vocês vão fazer?” Eu disse: “Agora nós vamos fazer uma roça.” Partimos para essa roça, fizemos, ele junto com a gente. Era vereador mas... aí nós fomos começar a roça, aí depois nós fizemos uma granja de criar galinhas. Eu disse: “Vamos terminar essa granja.” Eu levei quatro anos nesse vai e vem, vai e vem, aí eu disse: “Não quero mais. Já estou cansada.” E ele: “Eu te disse.” [riso] Aí nós botamos outra para presidente.

V.A. - Quem é?

N.J. – Era Crispiana. Aí ela não gostou mais, a Associação caiu, aí nunca mais eles voltaram. Aí depois teve a eleição. A cada dois anos muda a diretoria de lá.

A.P. – Quando foi que você fundou?

N.J. – Vai fazer 13 anos que fundei a Associação. E aí até agora. Agora não, agora ela está forte.

V.A. – Está forte?

N.J. – Está. O ministro foi lá.

V.A. – Que ministro?

N.J. – Qual o nome dele? Roberto Gil?

V.A. – Gilberto Gil.

N.J. – Ele foi lá em Alcântara e a gente foi lá apresentar para ele, a gente deu uma canoinha com os materiais, um homem, um remo... que era no tempo que a gente morava e não tinha transporte, não tinha carro, não tinha nada, e a gente só viajava de

canoa para vender nossas peças, transportava as peças na canoa e aí ia vender para o outro lado, para São Bento, para Alcântara. Isso aí é representando nossa cultura antiga, como a gente passava na comunidade.

V.A. – E agora não? Agora pode ir de carro, caminhão?

N.J. – Pode ir de caminhão, só que a estrada não é boa. Dizem eles que vai melhorar... o governo... a gente teve uma feira no mês de junho, aí ele foi visitar a gente lá na Ponta da Areia, aí ele prometeu que ia ajudar a gente.

V.A. – Quem?

N.J. – O governador daqui de São Luís. Aí ele já está mandando fazer uma casa do fogo.

V.A. – Casa do fogo? O que é isso?

N.J. – É onde mexe a farinha. E fazendo assistência de produção, ele disse que vai levar o telefone e um poço para lá para a comunidade.

V.A. – Um poço para pegar água?

N.J. – É.

V.A. – Quer dizer que em 1991 a senhora fundou a Associação? Foi em 91, a senhora falou 13 anos.

N.J. – É.

V.A. – Porque acharam que não acontecia nada...

N.J. – Não tinha nada, nem um carro ia na comunidade.

A.P. – A senhora acha que foi bom fundar a Associação?

N.J. – Foi bom, porque quando a gente quer conseguir alguma coisa, sabe de político, não é? O político vai... e a gente diz: “Só se você fizer isso assim, assim, para nós. Se não fizer a gente não vota.” Nós somos 52 mulheres. E eles têm que conseguir para gente, se eles quiserem que a gente vote com eles, não é? [riso]

V.A. – E o movimento negro mesmo? Porque a gente aqui está discutindo nesse seminário a questão da raça, do preconceito. Lá comunidade são só negros?

N.J. – Não. Tem algumas pessoas, mas tem mais negros.

V.A. – E a Associação tem visto problemas com preconceitos? Como é que a Associação trabalha essa parte do preconceito racial, do racismo?

N.J. – Porque antes lá era muito... sei lá... parece que a gente era humilhado assim, a gente não podia ficar... porque a gente não ia em curso nenhum antes dessa Associação. A gente não saía, era só lá. A gente tinha até medo de ir... eu tenho uma irmã, a caçula, que quando chegava uma pessoa lá em casa ela corria, se escondia. Aí a gente ficava toda desconfiada porque a gente não saía para lado nenhum, nem em São Luís aqui a gente não vinha, muito difícil. A comunidade de lá, quando olhava uma pessoa, todo mundo ia se esconder. Agora não. Até a polícia se chegar lá eles querem ficar perto olhando. Porque dantes, Ave Maria... Antes, porque a gente era negro, não tinha valor, e era assim. Agora não. Porque essas reuniões, esses cursos que a gente vai fazendo, a gente vai aprendendo muita coisa. Eu mesma, se chegasse um pessoal mais claro aí eu dizia: “Eu vou é muito conversar com esse pessoal...” Sentia vergonha da minha cor. Depois eu fui fazendo cursos, aí fui treinando, porque eles chamavam a gente para fazer encontros, essas coisas...

A.P. – Quem chamava?

N.J. – O Sebrae já deu muita força para gente. A Aconeruaq também manda a gente para Brasília, manda a gente para Recife, para Bahia, isso tudo.

V.A. – A senhora já foi?

N.J. – Faz uns vinte dias que eu vim da Bahia.

V.A. – A senhora foi fazer o quê na Bahia?

N.J. – Um encontro que a gente fez da Aconeruq. Eu levei sete dias para lá.

V.A. – Encontro de comunidades de quilombos?

N.J. – De comunidades negras, isso. Era sobre uns projetos que a Petrobrás ofereceu para comunidades negras, e aí mandaram a gente para lá. Aí a gente assinou três projetos para lá. Tem até um aí que eu olhei ele aí, ele falou comigo que dia primeiro ele está chegando lá por causa dos projetos.

V.A. – Projetos de quê?

N.J. – Um de lavoura, um de equipamento de cerâmica e um outro de uma casa para turismo. E vai turista lá, vai muito. E eles chegam e querem sempre uma casa livre, só para eles. E a gente não tem como fazer, aí a gente fez esse pedido.

V.A. – Como se fosse uma pensão, um hotel para o turista ficar?

N.J. – Isso.

V.A. – A sugestão foi da Associação, foi de vocês?

N.J. – Foi.

V.A. – E a Petrobrás é que vai financiar?

N.J. – É a Petrobrás.

V.A. – Para onde mais a senhora foi? Para a Bahia...

N.J. – Só para Bahia e Recife que eu já fui.

V.A. – Também para um encontro?

N.J. – Para um encontro.

V.A. – Aí é da Conaq, Conselho Nacional de Quilombos?

N.J. – Isso.

V.A. - A Aconeruq é daqui do estado, não é?

N.J. – É.

V.A. – Quando a senhora vai pra esses encontros em outros estados, é da Conaq?

N.J. – É. Eles ligam e a gente vem.

V.A. – Ligam para onde?

N.J. – Para Raimundo do Sul. A gente tem uma amiga lá, aí ela vai avisar a gente, porque é longe.

V.A. – Onde é?

N.J. – Raimundo do Sul.

V.A. – Aquele município que a senhora falou?

N.J. – É.

V.A. – Nesse município tem telefone?

N.J. – Tem telefone.

V.A. – Aí ela vai lá avisar?

N.J. – É.

A.P. – E as crianças da comunidade? Porque a senhora falou que antigamente a senhora tinha vergonha de falar com uma pessoa mais branca. As crianças da comunidade hoje são como a senhora era antigamente ou têm mais consciência?

N.J. – Não. Eles não são mais.

A.P. – Por quê?

N.J. – É como eu digo, porque antes não tinham esses encontros, porque lá também tem esses encontros, de vez em quando eles fazem. Tem uma... esqueci o nome, que eles vão lá brincar com as crianças, ficam lá semanas brincando, aí vai desenvolvendo mais as crianças. Aí não têm mais vergonha assim. Tem uns gringos lá, acho que faz oito dias hoje que eles foram a última vez. Já faz uns quinze dias que eles estão lá. Aí eles começam a brincar com as crianças, levam para ver aquele monte de carros. Essas crianças não largam já do pé deles. Quando ele chega, esqueci o nome dele, vixe... eles saem correndo atrás. Porque eles gostam muito de criança, eles brincam com as crianças, vão pelos matos, pelos rios, tudo eles vão.

V.A. – Gringo mesmo, estrangeiro?

N.J. – É, estrangeiros. Da Espanha que eles são.

V.A. – Estão morando lá?

N.J. – Estão na casa da minha irmã.

V.A. – Fazendo turismo, é isso?

N.J. – É isso, passeando, filmando, tudo eles fazem lá com os meninos.

V.A. – E esses cursos falam o quê nesses cursos?

N.J. – Falam que é para gente sobreviver, não ter vergonha com outras pessoas que são mais claras na pele, um monte de coisas que eles falam, como é para gente fazer, como não é, que a gente não deve se sentir envergonhado porque a pele da gente é dessa cor...

A.P. – E é bonito.

N.J. – Ah é... [riso]

V.A. – E vai o pessoal do CCN, do Centro de Cultura?

N.J. – Isso.

V.A. – Eles que fazem os cursos ou outras pessoas também?

N.J. – Outras pessoas também fazem. O Sebrae também faz. O Sebrae também tem ajudado muito a gente.

A.P. – Mas o Sebrae fala sobre cor da pele...

N.J. – Falam quando eles vão, a gente tem uns cursos assim de três, quatro dias, que eles mandam aquelas outras pessoas, aí eles falam: “Você não deve ter vergonha da pele da gente. A gente é só uma coisa só.”

V.A. – Então essa Associação já é bem vitoriosa, não é? Porque se não tivesse tido Associação não tinha acontecido essas coisas.

N.J. – Não tinha nadinha acontecido.

V.A. – As casas são de quê? São de palha, de alvenaria?

N.J. – Tem mais de palha do que de alvenaria, porque antes era só de palha mesmo. Agora não, agora tem algumas pessoas que já tem casa de alvenaria.

A.P. – A casa da senhora é de alvenaria?

N.J. – Uma banda de palha e outra de telha, mas telha de lá mesmo.

V.A. – A telha que a senhora mesmo faz?

N.J. – É.

V.A. – O tijolo também é feito lá?

N.J. – É de lá.

V.A. – E como é que foi assim, quando a senhora foi fundar a Associação, que a senhora ia de casa em casa? Todas as mulheres achavam boa a ideia?

N.J. – Tinham outras que não.

V.A. – As que não diziam o quê?

N.J. – “Eu não vou porque estou muito ocupada, que não sei o quê...” Aí a gente dizia: “Mas se a gente for atrás só de serviço a gente não consegue nada.” Diziam: “Não, eu não vou.” Aí depois a gente fez um projeto quando eu era presidente, aí saiu rápido, para um negócio de agricultura, aí saiu enxada, saiu facão, saiu uma porção de coisas. Aí a Associação encheu, deu muita mulher. Aí todo mundo queria se associar, se associar.

V.A. – Esse primeiro projeto, quem pagou a enxada, o facão?

N.J. – O governo.

V.A. – O governo do estado?

N.J. – O governo doou para gente.

V.A. – E esse projeto foi feito com ajuda do vereador, do Pedro?

N.J. – Ele que encaminhava, dizia como era para gente fazer: “Eu não posso comparecer lá, mas vocês façam assim, assim...” Aí a gente fazia. Aí quando a gente se aperreava, mandava chamar ele: “Pedro nós queremos fazer isso.” Ele dizia: “É assim, assim, deixa eu fazer para você. Mas você tem que aprender a fazer isso.” Isso era ele que dizia. [riso] Ele ajudou muito a gente, o Pedro.

V.A. – E hoje em dia os projetos são feitos, vocês já sabem fazer?

N.J. – Pala Associação. Ainda não entendi direito, a gente ainda pede ajuda para ele, para Ivo, que é do CCN, Jô a esposa dele. Quem está elaborando esse da Petrobrás é a Jô, que está ajudando a gente. Ela foi lá, vai de novo e está ajudando a gente a fazer. Porque o estudo da gente é pouco, é isso. Estive até me informando, porque a gente tem tanta vontade de formar uma pessoa de dentro da comunidade para ajudar a gente a fazer essas coisas, não é? Estava terminando de falar com uma moça aqui se, por exemplo, para a gente estudar aqui é pago. Ela disse que não, é só fazer o vestibular, não é?

V.A. – É.

N.J. – Aí, se passar...

V.A. – O filho da senhora pode querer fazer, ou a filha, não é?

N.J. – É.

A.P. – Ele não pensa em continuar estudando?

N.J. – Ele pensa, ele gosta de estudar.

A.P. – Então, porque vocês não o incentivam a estudar bastante e tentar fazer o vestibular? Aqui ainda não tem cotas para negros não?

N.J. – Não, acho que não. Eu não sei, mas acho que não.

V.A. – Mas ele já terminou o segundo grau, o colegial?

N.J. – Já, faz mais de ano que ele terminou.

V.A. – Então, ele só precisa fazer a prova do vestibular.

N.J. – É.

V.A. – Precisa estudar para fazer a prova. Mas fala com o Ivo do CCN, deve ter um cursinho pré-vestibular especial que eles devem conhecer, que facilita para ele.

N.J. – Eu vou até falar para ele, porque é importante ter uma pessoa da comunidade.

A.P. – Conversa isso com a Jô.

N.J. – É. Aí a gente pensa muito nisso.

A.P. – A senhora voltar a estudar, não...

N.J. – Estou com tanta vontade de voltar a estudar. A minha filha mais nova está com 18 anos. E aí eu quero voltar de novo. Outro dia eu falei par quem? Não sei quem estava falando nisso... a Jô mesmo, lá na igreja no dia que ela foi lá eu falei: “Jô, como é que eu consigo um colégio de noite que eu quero estudar.” Ela disse: “Ah neguinha, a gente

vai ver se consegue. Tu quer estudar?” Eu disse: “Eu quero.” Porque eu não tive oportunidade de estudar mais nova, não é? Era até difícil vir aqui em São Luís, era de barco e levava três dias no meio da baía. Não tinha ferro, não tinha lancha, não tinha nada nesse tempo. Era só mesmo o barco. Levava três dias no meio da baía. Eram muito difíceis as coisas.

V.A. – Agora melhorou a situação?

N.J. – Melhorou. Porque a gente pega o ferro 6:00 h da manhã, 8:00 h já está aqui em São Luís.

V.A. – Muito bonita a história da senhora. Então a senhora na igreja pensou assim: “Vamos fazer uma associação.” Gostei.

N.J. – Aí esses dias o Pedro disse assim: “Neide, tu parece que já está morta. Tu não é aquela Neide!” Eu digo: “Ah filho, a gente cansa.” [riso] Porque antes dizia: “Vamos fazer isso, vamos embora.” Mas agora está levantando de novo.

V.A. – E a senhora conhecia o Pedro de onde?

N.J. – Ele morou muito longe assim. Esse negócio de candidato a vereador, ele saiu de candidato no primeiro ano, aí ia andando por lá, a gente ganhou uma amizade. Aí ele foi ser padrinho de uma sobrinha minha e aí até hoje a gente gosta dele.

V.A. – E ele continua sendo vereador?

N.J. – Não, agora ele é vice-prefeito, está sendo candidato a vice-prefeito esse ano.

V.A. – Nessas eleições agora lá em Itamatatiua?

N.J. – É. Não sei se ele vai ganhar.

V.A. – A senhora sabe o partido qual é?

N.J. – Não, não sei.

A.P. – Não lembra do número que a senhora votava nele?

N.J. – Número do Pedro? Não me lembro agora. Na Associação todo tempo votava para ele, porque ele ajudou. Todos os três anos que ele foi candidato ele ganhou porque a Associação ajudava ele.

V.A. – A senhora quer falar mais alguma coisa sobre o movimento, sobre a luta da senhora? Cantar mais uma música para gente?

N.J. – [riso] Era bom a senhora ir lá. Vamos lá um dia. Agarra o ferro aqui, o ferro para Itamatatiua, agarra o ônibus e diz: “Eu quero soltar lá no pote, lá no ramal do pote.” Tem um pote grande assim no ramal. Todos os motoristas já sabem. Aí vão no ferro, entra dentro do ferro, aí vão soltar lá no ramal. Aí de lá você diz assim: “Eu quero ir para casa de Neide.” Todo mundo informa. Aí quando chegar lá a gente dança forró de caixa, toca tambor de crioula, toca caixa, uma porção de coisas, come galinha caipira ao molho pardo, aí come bolo de macaxeira, vamos...

A.P. – Já estou com água na boca. [risos]

N.J. – Vamos lá!

A.P. – Dessa vez não vai dar, mas...

N.J. – Mas da outra vez vocês vão lá. É só pegar o ferro, 17 reais a passagem até...

V.A. – Ia perguntar uma coisa e esqueci... Mas eu acho que está muito bom. Parabéns para a senhora. Se não fosse a senhora não estava do jeito que está.

N.J. – É. Papai também lutou muito.

A.P. – A comunidade tem a consciência disso, de que a Associação foi importante para ter que tem hoje?

N.J. – Tem umas que tem, mas tem outras que não. Tem umas pessoas que são muito desligadas, não é? Não entende as coisas, aí tanto faz como tanto fez... Logo o que eles vão perguntando é se tem associação, se não tiver associação, nada pode fazer. É logo o que eles dizem.

V.A. – Eles quem?

N.J. – O governo, não é?

V.A. – A Petrobrás...

N.J. – A Petrobrás. Porque nesse curso, nesse treinamento que a gente foi tinha duas comunidades que não tinham associação. Essas não conseguiram nada porque não tinham associação. Aí ainda vão fundar essa associação para conseguir alguma coisa.

V.A. – Mas quando a senhora, 13 anos atrás, a senhor, sua irmã e Maria José, a senhora teve a ideia porque já conhecia associação de outro lugar, não?

N.J. – Eu ouvia falar. Eu ouvia falar assim: “Tal associação ganhou isso assim, assim.” Eu dizia: “Poxa, só para cá que não vem nada.” Aí mas só pode conseguir as coisas se tiver uma associação. Aí eu disse: “Vamos embora fazer uma associação.” “Vamos embora.” Só nós três, sentadas em uma cozinha fazendo fogo de lenha. [riso] Eu falei: “Nós vamos pelejar com essa associação...” Deu certo até agora.

V.A. – Na cozinha dentro da igreja, é isso?

N.J. – Não, em outra cozinha. Nós saímos da igreja e fomos lá para essa cozinha. Aí depois o Pedro foi, aí nós fomos para a igreja, nos reunimos.

V.A. – Muito bom. Então está ótimo. Eu não me lembrei mais o que eu ia perguntar. Perfeito. Acho que podemos desligar aqui.

[FINAL DO DEPOIMENTO]